



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA BAHIA**

ISIS CEDRAZ SENA

**“EU SOU VAQUEIRO”:** UMA VIDEORREPORTAGEM DOS OFÍCIOS DE HOMENS  
SERTANEJOS EM MAIRI, SEMIÁRIDO BAIANO

**SALVADOR – BA**  
ISIS CEDRAZ SENA

**“EU SOU VAQUEIRO”: UMA VIDEORREPORTAGEM DOS OFÍCIOS DE HOMENS  
SERTANEJOS EM MAIRI, SEMIÁRIDO BAIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientado por: Prof. Dr. Jonicael Cedraz

**SALVADOR - BA**

## RESUMO

Este memorial descritivo da reportagem de vídeo “Eu sou vaqueiro: uma análise dos ofícios de homens sertanejos em Mairi, semiárido baiano” explora a vida dos vaqueiros em Mairi, destacando suas histórias, classificações e importância cultural. Motivado por uma conexão pessoal com a região e pela ausência de registros sobre essa cultura, o projeto resulta em um produto audiovisual que busca valorizar e documentar as realidades dos vaqueiros, sejam eles trabalhadores de fazenda, corredores profissionais de vaquejada ou fazendeiros. Sendo utilizado os métodos Etnografia e Métodos de Vida, a produção, fundamentada em pesquisa histórica e teorias de telejornalismo, visa não só registrar a memória desse grupo, mas também educar e promover a apreciação da cultura sertaneja, reforçando o valor social e econômico dos vaqueiros para a comunidade de Mairi e região.

**Palavras-chave:** Vaqueiro; Mairi; Semiárido; Bahia; Cultura sertaneja; Vaquejada; Memória.

## ABSTRACT

This descriptive memorial of the video report “I am a cowboy: an analysis of the trades of country men in Mairi, Bahia’s semi-arid” explores the lives of cowboys in Mairi, highlighting their stories, classifications and cultural importance. Motivated by a personal connection with the region and the lack of records about this culture, the project results in an audiovisual product that seeks to value and document the realities of cowboys, whether they are farm workers, professional *vaquejada* runners or farmers. The production, based on historical research and television journalism theories, aims not only to record the memory of this group, but also to educate and promote the appreciation of country culture, reinforcing the social and economic value of cowboys for the community of Mairi and the region.

**Keywords:** Cowboy; Mairi; Semi-arid; Bahia; Country culture; *Vaquejada*; Memory.

## AGRADECIMENTOS

Com o coração transbordando gratidão, encerro um ciclo importante ao defender este Trabalho que diz tanto sobre mim, minha raiz e terra natal. Agradeço:

A Deus, pela sua fidelidade e Graça, eu não as mereço.

Aos meus pais, Washington e Vanusia, pela dádiva de ser sua filha, cercada de amor, apoio e fé.

Aos meus irmãos, Liz, Artur e Sofia, por serem companhia e proteção.

A Sol, pelo zelo e atenção.

A Catarina, por existir.

Ao jornal Correio, por ter sido escola.

A Eduardo, por ser ajuda e amizade.

A Jorge, por acreditar e investir em mim.

Aos meus grandes amigos Luiza, Mariana, Neto, Isabelle e Glaucia, pelas angústias, piadas e alegrias compartilhadas.

A Anavi, por me mostrar que sou capaz.

A Marcelo, a quem confio meu coração, por ser sinônimo de cuidado e lugar seguro.

Sem vocês, eu não teria chegado até aqui.

*À Adauto e Terezinha, Walfredo e Lourdinha, que me mostraram como é bom ser da roça.*

## **PÁGINAS**

### **1. INTRODUÇÃO**

1.1 JUSTIFICATIVA

1.2 METODOLOGIA

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO

1.3.1 INSPIRAÇÃO DOCUMENTAL

1.3.2 SER VAQUEIRO - PROFISSÃO, CORPOREIDADE E CULTURA

1.3.3 O QUE É VAQUEJADA?

### **2. VAQUEIRO DE MAIRI**

### **3. REPORTAGEM DE VÍDEO E LINGUAGEM DE TV**

3.1 REPORTAGEM AUDIOVISUAL

3.2 PRÉ-PRODUÇÃO

3.3 PRODUÇÃO

3.4 CAPTAÇÃO

3.5 EDIÇÃO E MONTAGEM

3.6 PÓS-PRODUÇÃO

### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **5. REFERÊNCIAS**

### **6. APÊNDICE**

## **1. INTRODUÇÃO**

“‘Eu sou vaqueiro’: uma videoreportagem dos ofícios de homens sertanejos em Mairi, semiárido baiano” é uma reportagem de vídeo que conta a história dos vaqueiros de Mairi em suas distintas nuances e classificações da profissão. Abrange os sertanejos de diferentes classes sociais que se encontram em aspectos como cultura e lazer. Observa-se no produto audiovisual as histórias de vida e trajetórias destes homens que são funcionários de fazenda, corredores profissionais de vaquejada ou donos de fazendas ou espaços para esportes equestres que se reconhecem como vaqueiros.

Este projeto partiu de uma motivação pessoal. Nasci e cresci no pequeno município em que se passa este Trabalho, com pouco mais de 16 mil habitantes que carregam histórias e costumes que me moldaram. Perceber, durante a minha caminhada na universidade, que não haviam registros sobre esta cultura sertaneja da minha terra natal foi a principal motivação para a criação de um registro de memória em formato de reportagem em linguagem de televisão.

Ao longo dos capítulos deste Memorial Descritivo pesquisa, contextualizo e elenco conceitos que norteiam o tema da cultura vaqueira explorada neste Trabalho. Nesta pesquisa foi utilizada as metodologias Etnografia e Métodos de Vida. Nesta introdução descrevo os objetivos desta produção, a justificativa de motivação pessoal, metodologia e referencial teórico que criam embasamento teórico para a criação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

No segundo capítulo, ‘Vaqueiro de Mairi’, levanto três principais pontos: o contexto histórico acerca dos vaqueiros, quais são as semelhanças entre os profissionais rurais e seus códigos de sociabilidade e minhas referências pessoais que foram determinantes para a decisão do recorte geográfico na pequena cidade interiorana da Bahia.

No capítulo ‘Reportagem de vídeo e linguagem de TV’ foi o espaço utilizado para descrição da memória deste Trabalho baseado em referências teóricas de manuais de telejornalismo. Dentro deste ponto há a divisão entre Reportagem de vídeo, Pré-produção, Produção, Captação, Edição e montagem, e Pós-produção. Em cada uma das subdivisões descrevo detalhadamente como foi o processo de criação do produto audiovisual deste TCC e quais foram as orientações teóricas seguidas ao longo do andamento da reportagem.

Por fim, o vídeo reportagem produzida pretende ser uma ferramenta educativa e cultural, oferecendo uma visão detalhada e autêntica do universo dos vaqueiros. Ao explorar as vidas, rotinas e desafios desses profissionais, não apenas registro, mas também valorizo suas contribuições para a sociedade de Mairi. Almejo que a divulgação deste material em escolas da região possa incentivar uma maior compreensão e apreciação da cultura sertaneja vivenciada

pelas crianças e adolescentes do semiárido baiano, promovendo respeito e valorização desta tradição e cultura local.

### 1.1 Justificativa

A profissão vaqueiro é de forte presença na região em que nasci e cresci. Meus familiares homens foram inseridos nesta realidade de forma hereditária, herdada do meu bisavô materno. Acompanhar os eventos, a dedicação e forma de vida, profissão e formas de lazer me fez observar diferentes nuances da realidade dos vaqueiros de fazenda e da vaquejada.

A partir desta percepção gerada pela minha vivência pessoal, observei que a relevância dos vaqueiros não se limitava ao centro-norte baiano, mas se expandiu para o Brasil de modo a alcançar a Câmara dos Deputados, que votou a Lei 13.364/16, reconhecendo a vaquejada como manifestação cultural no país. No entanto, mesmo tendo seu reconhecimento cultural por Lei, o universo dos vaqueiros carece de pesquisas, narrativas audiovisuais e registros da manifestação que é a maneira de viver de uma parcela do povo nordestino.

Existem documentários e reportagens audiovisuais que retratam a vida dos vaqueiros, suas raízes, lutas para que sejam corretamente empregados e suas histórias, mas não há uma narrativa audiovisual que se passa em alguma região como a de Mairi e se debruce para compreender as especificidades entre os vaqueiros de fazenda e de vaquejada que tanto se assemelham em preferências de vida e se distanciam na rotina laboral, lacuna que pretende ser preenchida pelo presente trabalho.

O município de Mairi, localizado a 290 quilômetros de Salvador, se encontra no Centro-Norte baiano e possui pouco mais de 16 mil habitantes. A economia local, baseada na agropecuária, é sustentada por famílias da zona rural. Os vaqueiros, objeto de estudo do Trabalho, se tornam a base da engrenagem operante da economia da região, porém, não fazem parte da memória fotográfica e histórica retratada nos órgãos oficiais e locais de ensino do município.

Desta forma, a visibilidade gerada pela reportagem de vídeo se torna de importância não apenas para registro de memória deste grupo social, como também resgata essa realidade do anonimato do dia a dia. A produção audiovisual justifica sua relevância a partir da criação de um registro permanente que retrata um grupo social que movimenta a cultura e economia de uma pequena região do semiárido baiano, para que o registro de sua própria memória possa

assegurar que a história de um grupo que constroi diariamente o município seja vista e difundida entre gerações.

Para além da relevância cultural do meio dos vaqueiros, a vaquejada, um dos principais esportes praticados por este grupo, movimenta anualmente mais de R\$800 milhões na economia brasileira, segundo a Associação Brasileira de Vaquejada (ABVAQ). O meio vaqueiro movimenta empregos e dinheiro, além de celebrar uma cultura própria. No livro “Valeu Boi! O negócio da Vaquejada”, de Eriosvaldo Lima Barbosa, entendemos um pouco mais sobre a importância do esporte para estes homens sertanejos:

A vaquejada não só lembra um costume do passado: ela celebra a própria sociedade da qual é parte, fala dessa sociedade, de seus valores e de seus códigos de sociabilidade; fala do homem que a prática, como a prática e com que propósitos. (...) a vaquejada é uma instituição lúdica através da qual o nordestino acha-se absorvido pelos fios que compõem a teia da nordestinidade. (Barbosa, 2006, p. 10)

Entendendo todo este contexto, este estudo busca aprofundar a importância do grupo de homens vaqueiros para a realidade cultural e econômica no semiárido baiano. Além disso, pretende-se mitigar, mesmo que de forma modesta, o estigma associado aos vaqueiros, contrapondo a imagem de pessoas rudes, pouco instruídas e indiferentes à vida animal, conforme perpetuado por defensores da extinção da vaquejada.

Neste memorial, serão discutidos os fatores que levam à produção da reportagem de vídeo, com relação à memória e preservação de um povo ainda de certa forma invisibilizado e estigmatizado na Bahia. Ainda neste documento, sistematizo a metodologia que foi utilizada, desde a pesquisa em arquivos, busca pelo referencial teórico que embasa a produção do Trabalho, entrevistas realizadas e o formato escolhido, além dos procedimentos de gravação e edição.

## 1.2 Metodologia

Para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso utilizei duas metodologias, a Etnografia e Métodos de Vida. Como este trabalho busca compreender as rotinas e realidades dos diferentes tipos de vaqueiros e analisar semelhanças e diferenças, estabeleci essa dupla de metodologias para criar uma estrutura metodológica sólida e coerente. No entanto, também mesclo as metodologias Entrevistas e Observação.

O projeto “Profissão Vaqueiro” aborda a pesquisa qualitativa e descritiva. A reportagem coloca em prática o que o autor Luís Martino traz em seu livro “Métodos de Pesquisa em Comunicação” no capítulo que explica sobre a metodologia Histórias de Vida: “Ouvir em silêncio, com interesse e respeito” (Martino, 2018, p. 145). O ponto de partida é lidar com cada ator presente no audiovisual como uma pessoa única, com diferentes histórias e interpretações da vida. No produto audiovisual abro espaço para ouvir e compreender as trajetórias de vida dos homens sertanejos, desde sua família, passando pelo seu trabalho e fonte de renda até suas preferências de lazer como gosto musical.

A reportagem se debruça mais intensamente em Histórias de Vida para criar um registro histórico e de memória para a população da região de Mairi. Martino traz em seu livro que “é uma oportunidade de vozes e expressão para quem, de outra maneira, continuaria invisível em seu silêncio” (Martino, 2018, p. 145), e expressa idealmente o que o presente Trabalho almeja.

Entrevistas em profundidade é um dos métodos pretendidos para compreender melhor as vidas dos personagens interioranos. Acompanhei dias de rotina dos três personagens principais da reportagem e coloco em prática o que Martino fala sobre Etnografia:

No trabalho etnográfico, o objetivo é conhecer em profundidade um determinado grupo, a partir do acompanhamento sistemático de suas atividades (...) A ideia é um mergulho no cotidiano de outro grupo, conhecer o que fazem e tentar compreender as razões, emoções e sentimentos em circulação. Na etnografia, o ponto é entender a cultura do outro em seu sentido amplo, incluindo sua vida material, atividades comuns e a vida simbólica que as fundamenta (Martino, 2018, p. 121).

As metodologias de Etnografia e Métodos de Vida se complementam e fornecem uma abordagem abrangente para a compreensão das realidades dos vaqueiros de Mairi.

A Etnografia, com seu enfoque na imersão no cotidiano e na cultura do grupo estudado, me permite vivenciar e observar em primeira mão as práticas, valores e crenças dos homens sertanejos. Ao acompanhar sistematicamente suas atividades e interagir com eles, capturo, ou mesmo tento fazê-lo, a essência da vida desses indivíduos para compreender as razões e significados por trás de suas ações. Através dessa metodologia, investigo não apenas as práticas objetivas, mas também os sentimentos, as emoções e as relações sociais que permeiam a vida dos vaqueiros.

Por sua vez, as Histórias de Vida oferecem uma abordagem mais pessoal e individualizada para a coleta de dados. O produto audiovisual buscou ouvir atentamente as histórias e experiências dos vaqueiros e adentrar em suas perspectivas, percepções e

interpretações do mundo. Por meio dessa metodologia compreendo melhor as trajetórias pessoais, as memórias, as aspirações e as transformações vivenciadas pelos vaqueiros, contribuindo para a construção de um retrato mais completo e contextualizado de suas vidas.

Além disso, a combinação dessas metodologias possibilita a triangulação de dados, ou seja, a comparação e validação de informações obtidas de diferentes fontes. Dessa forma, a conversa entre a Etnografia e as Histórias de Vida no presente trabalho cria uma abordagem metodológica complementar e integrada, que visa retratar de forma completa e autêntica a realidade dos vaqueiros. Ao unir a observação participante e a imersão na cultura dos vaqueiros com as histórias e vivências individuais, a reportagem de vídeo visa capturar a essência e a diversidade desse grupo social, criando um arquivo de memória e cultura destes indivíduos que não possuem este tipo de registro.

### 1.3 Referencial teórico

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga as diferentes nuances e corporeidades dos vaqueiros, abordando sua importância cultural e histórica, além de econômica, a partir da ótica de distintas realidades de um mesmo grupo identitário. Neste referencial teórico serão explorados aspectos relacionados à profissão sertaneja, sua origem, características de trabalho, desafios e diferenciações entre os tipos de vaqueiros. Através desta análise, busco contribuir para uma compreensão mais aprofundada do universo destes homens do sertão baiano, valorizando sua importância e influência na construção cultural e econômica de uma realidade em que estive inserida desde o meu nascimento.

#### 1.3.1 Inspiração documental

Anteposto, é necessário compreender como se dará a construção da reportagem de vídeo. Primariamente, a inspiração do presente trabalho era formato documental. Este gênero audiovisual se caracteriza por uma construção única da realidade e deve ser de caráter autoral, além de retratar um ponto de vista. No artigo “O documentário como um gênero audiovisual”, a autora Cristina de Melo auxilia a compreender as especificidades para a montagem de uma produção do gênero:

Se, por um lado, recorre a procedimentos próprios desse meio - escolha de planos, preocupações estéticas de enquadramento, iluminação, montagem, separação das fases de pré-produção, produção, pós-produção, etc -, por outro, procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade, respeitando um determinado conjunto

de convenções: registro in loco, não direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivo etc. (Melo, 2002, p. 25)

No documentário “O Vaqueiro e Suas Raízes”, de 2021, uma realização da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos de Passeio e Esporte (ABCCPE), sua narrativa perpassa por vaqueiros de fazendas em diferentes cidades do interior baiano, explorando suas semelhanças em rotinas, saberes e a relação com o couro. De forma autoral e construindo seu recorte baseado nas entrevistas com os personagens em seus locais de origem, o documentário serviu como exemplo inicial para este Trabalho.

Ainda em seu artigo, Melo explica que a forma de produzir e o resultado da produção em si mesma é um processo que fabrica e distribui valores e significados. Na tele reportagem produzida, registro os atores em suas atividades de trabalho e lazer, retratando a realidade e vivência desses personagens, sem agir de forma que haja interferência da direção, seguindo as diretrizes propostas por Melo em seu texto:

Na maior parte das vezes, as imagens desconhecidas retratam pessoas anônimas em atividades de trabalho ou lazer. São, portanto, documentos históricos. (...) Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (...) Ou seja, no documentário ou na reportagem não estamos diante de uma mera documentação, mas de um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos. (Melo, 2002, p. 25, 26 e 28)

Na produção audiovisual realizada, utilizo gravações autorais da rotina e também de entrevistas com os atores, visando uma narrativa que envolve memória e perpetuação da mesma. Além disso, também realizei entrevistas com especialistas e representantes de associações e museus para confirmar as informações apuradas durante a reportagem.

O capítulo "A estrutura da vida cotidiana" de Agnes Heller, presente no livro "O cotidiano e a história", oferece uma profunda análise sobre a interação entre particularidade e genericidade na vida cotidiana do homem. Heller destaca que a vida cotidiana é a vida de todo homem, permeada por uma complexa rede de atividades, relações sociais, sentimentos e ideias. A heterogeneidade e a hierarquia na vida cotidiana são abordadas como elementos essenciais, cuja forma concreta se modifica em função das estruturas econômico-sociais. Desta forma, mostra-se a relevância da vida cotidiana dos autores deste Trabalho:

A vida cotidiana não está "fora" da história, mas no "centro" do acontecer histórico: é a verdadeira "essência" da substância social. (...) As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história, partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade. (...) A vida cotidiana é a vida do indivíduo. (Heller, 1985, p. 20)

Heller destaca a importância da vida cotidiana no centro do acontecer histórico, sublinhando que ações históricas significativas partem da cotidianidade e a ela retornam. A autora ressalta a unicidade e irrepetibilidade do indivíduo, que, ao mesmo tempo, é um ser singular em constante relação com sua comunidade e a história da humanidade. Essa abordagem teórica oferece um arcabouço conceitual valioso para compreender as dinâmicas sociais dos vaqueiros no contexto da reportagem “Eu sou vaqueiro”: uma análise dos ofícios de homens sertanejos em Mairi, semiárido baiano”.

### 1.3.2 Ser vaqueiro - profissão, corporeidade e cultura

Neste produto audiovisual abordo os três tipos de vaqueiro: o funcionário de uma fazenda, este geralmente de classe baixa, o profissional de vaquejada que sobrevive das competições, seja correndo por terceiros, seja treinando cavalos e competindo, e o fazendeiro ou dono de locais de competições equestres que se reconhece vaqueiro, que se encaixa na classe alta ou média alta. No livro “Valeu boi!”, Barbosa define historicamente as principais diferenças entre o vaqueiro de fazenda e o do esporte vaquejada:

Qualifico com o termo “vaqueiro tradicional” (ou “vaqueiro de fazenda”) o vaqueiro que remonta ao tempo das apartações e marcações - práticas pastoris pertencentes ao ciclo do gado nordestino, que teve início desde o século XVIII, com o processo de povoamento e colonização no interior do Nordeste, através da pecuária extensiva, - e que é reconhecido por uma vasta literatura como o “herói do sertão”.

Diferentemente do vaqueiro de fazenda, o vaqueiro desportista começa a aparecer no cenário brasileiro a partir das primeiras décadas do século XX, com a mudança da pecuária extensiva para a intensiva, tendo o auge da sua difusão nos anos de 1990, período de construção dos grandes parques de vaquejada no país e o aparecimento das bandas de “farró eletrônico”. É reconhecido pela mídia e entre eles mesmos como “campeão das pistas”, que passarei a me referir a ele daqui por diante também como “vaqueiro de vaquejada”. (Barbosa, 2006, p. 10)

Ainda no livro “Valeu Boi!”, o autor trata sobre o aparecimento de bandas de “farró eletrônico” na década de 1990. O gênero musical aproxima as diferentes classes sociais que estão inseridas no ambiente sertanejo. Além dos aboios, o canto típico de vaqueiros nordestinos, o aparecimento de músicas em grandes espaços públicos e plataformas musicais unem os tipos de vaqueiros a partir da construção de uma identidade baseada nos costumes do mato.

Em 2020 a música passa a integrar mais um gênero musical do meio da vaquejada, o piseiro. João Gomes, Zé Vaqueiro e Raí Saia Rodada são exemplos de artistas que retratam em suas músicas singularidades do meio dos vaqueiros, gerando identificação e auxiliando na construção de uma corporeidade semelhante nos indivíduos de um grupo social

“Eu sou filho do mato  
Eu venho da roça  
O meu pai foi vaqueiro  
Minhas mãos é grossas  
Eu não sou doutor  
Tão pouco engenheiro  
Só trago comigo meu cavalo ligeiro”  
(SAIA RODADA, Raí. Filho do Mato. 2018)

“Levantar cedo pra labuta, que eu tô pronto  
Eu muito conto com meu Deus que tá no céu  
Eu tenho a senha pra correr em todo canto  
Humildade e a disciplina dos sermão que mãe me deu  
Eu tenho a senha e meu cavalo já tá pronto  
E em cima da sela, eu mostro que eu mereço meu troféu  
Eu vou, eu vou colar na vaquejada”  
(GOMES, João. Eu Tenho a Senha, 2021)

“O meu esporte é vaquejada, eu amo de paixão  
Tenho cavalo e gado dentro do meu coração  
Gosto de correr em corrida de Mourão  
Eu não troco por nada, essa é minha profissão”  
(VAQUEIRO, Zé. Meu Esporte é Vaquejada, 2019)

A partir da construção da corporeidade de um grupo distinto socioeconomicamente e tão próximo em modos de vida, uma das bases para esta identificação é a Civilização do Couro. No livro “Encourados”, Raimundo Carrero é convidado a escrever o prefácio “A Civilização do Couro: O Vaqueiro”, onde retrata que esta Civilização trazia importância também estética, “percebi logo que o vaqueiro, por exemplo, era uma manifestação de vida, mas também de estética. Uma coisa englobando a outra. Com a incrível força de quem vence a caatinga. A seca. A fome” (Carrero, 2006, p. 8).

O couro é um material que, além de facilmente encontrado no cotidiano sertanejo, é resistente; protege contra queimaduras, ranhuras e o sol escaldante do Nordeste. Comparado por Carrero a uma armadura, a roupa de couro reforça a corporeidade de “cabra macho” que se aproxima das raízes da fazenda, do início desta civilização baseada na caatinga e na agropecuária. “No princípio, era o couro. Navegavam nos couros o sertão de couro, e o sertão era o couro, e o couro era o sertão” (Mourão, 2002, apud Magno e Victor, 2006, p. 13).

Independente da classe social, o couro une os vaqueiros baianos. No documentário “O Vaqueiro e suas Raízes”, que se passa com personagens do interior da Bahia, é notável a semelhança de construção identitária a partir das roupas de couro. Os entrevistados estão sempre com alguma peça, ou até mesmo inteiramente vestidos de couro.

Também no livro *Encourados*, as fotografias retratam os vaqueiros munidos das mesmas roupas e acessórios. Chapéus, perneiras, gibão, guarda-peito e botas. Essa é a composição indispensável para uma armadura feita do material de cor ferrugem que protege contra os perigos da caatinga e seu calor. Mesmo com a urbanização de certos costumes nordestinos, os vaqueiros prevalecem com uma forma de identificação de sua cultura, um símbolo, de forma geracional, pais ensinam aos filhos, que ensinam aos netos, que perpetuam a adoção do traje do sertão.

Chapéu, gibão, guarda-peito, luva, perneira, bota. De couro se veste um vaqueiro. De couro de bode quase sempre. A roupa de trabalho, proteção contra os espinhos da caatinga, é também um símbolo do guerreiro sertanejo. A couraça que a muitos lembra uma armadura é chamada de terno de couro. (...) O traje feito para a lida também ajuda a compor a estética dos vaqueiros.

O couro é costurado, trabalhado, enfeitado. Ornamento e ferramenta de vaqueiros a um só tempo. Depois de curtido, será grosado, raspado. (...) É armadura de vaqueiro (Victor, 2006, p. 85)

Esse modo de identificação física estética entre um grupo plural de indivíduos evidencia também que, para quem não está inserido nesta realidade, uma performance identificatória para este grupo de vaqueiros, é necessário que o Outro veja as suas preferências, modo de vida, escolhas e realidade, que pode ser transmitido a partir de um conjunto de roupa. Afinal, “viver um gênero é assumir um certo tipo de corpo, viver ou usar o corpo de certo modo, a partir de um mundo de estilos corporais já estabelecidos. De modo que pensar o corpo é abordar, também, o que se passa fora dele” (Barbosa, 2006, p. 15).

Em meio a dezenas de identificações entre os três tipos de vaqueiros abordados aqui neste trabalho, existem as diferenças, que, na prática, representam o abismo socioeconômico entre os homens inseridos no ambiente da vaquejada. Em primeiro lugar, lembremos do conceito de vaqueiros tradicionais escrito por Barbosa, também chamados de vaqueiros de fazenda.

Estes funcionários de propriedades rurais são os responsáveis por cuidar dos animais, manutenção do espaço, administração dos pastos e demais cuidados necessários da fazenda. Em suma maioria são homens, de classe baixa, que recebem um salário mínimo ou menos, e dedicam a própria vida a cuidar exaustivamente de um espaço que não lhes pertence. Geralmente moram na fazenda, em uma pequena construção e constituem família neste mesmo espaço. Esposas e filhos têm como destino acompanhar a labuta do provedor da casa e se dedicam em outras atividades laborais para a fazenda do patrão do vaqueiro.

Os fazendeiros, detentores das terras que empregam estes funcionários, também podem se identificar como vaqueiros, em partes por viverem a realidade rural do meio de bois e cavalos, em partes por se dedicarem ao meio da vaquejada, afinal, todo profissional do esporte necessita de um espaço para cuidar e monitorar de seu cavalo que compete. Mesmo compartilhando o mesmo nome de profissão, esses dois vaqueiros enfrentam um abismo financeiro. Enquanto o funcionário recebe o mínimo proposto por lei para sustentar sua família, o patrão possui um animal para competições que pode custar até 3 anos inteiros do salário de seu funcionário indispensável.

Em contraponto, vaqueiros que se dedicam à agricultura familiar, uma realidade palpável da região de Mairi, não vivem com luxos, mas sustentam a própria família em terras próprias, geralmente herdadas. Outrossim, também existem os vaqueiros profissionais de vaquejada que são contratados por empresários para competir em busca de um montante de dinheiro em grandes vaquejadas. Há campeonatos que movimentam mais de R\$ 1 milhão, com prêmios para duplas que beiram os R\$200 mil, como a 38ª Vaquejada de Formosa do Rio Preto, ocorrida em 2023, no interior baiano.

Os profissionais contratados investem seu tempo e conhecimento em troca de uma porcentagem do prêmio conquistado. Em contrapartida, o empresário paga a senha e o cavalo preparado para a corrida. Desta forma, esses atletas também se identificam como vaqueiros, porém não se aproximam da atividade laboral exercida pelos vaqueiros de fazenda, tampouco se assemelham socioeconomicamente de vaqueiros donos de fazendas.

Na reportagem de vídeo busco compreender essas diferenças no cotidiano desses vaqueiros de Mairi e região. Entender as histórias e raízes de realidades únicas do meio do sertão do semiárido baiano.

### 1.3.3 O que é vaquejada?

A vaquejada é um esporte em que dois vaqueiros, um chamado de puxador e outro de bate-esteira, correm em cavalos e devem derrubar um boi entre duas faixas de pintadas com cal na pista de areia do parque de vaquejada. Além de uma prática cultural, a vaquejada traz identificação para quem compete e torna-se um modo de vida. No cotidiano, ela se converge em três frentes: um esporte, um modo de vida e uma profissão.

Dois homens, montados em cavalos, se aparelham com um boi em uma pista de areia de 120 metros de comprimento por 30 metros de largura. Ao longo da rápida corrida há apenas

um objetivo: derrubar o boi solitário entre as duas linhas de cal pintadas no chão para avançar de fases e levar o campeonato. Os vaqueiros competidores são divididos entre o que é bate-esteira, que alinha o animal e ajeita o rabo para que o vaqueiro puxador derrube o boi entre as linhas. Se bem sucedido o trabalho da dupla, é cantada a expressão “Valeu boi”, que valida a prova. Se o boi ao cair pisar com uma das patas em alguma faixa, não cair ou for derrubado com parte do corpo fora da delimitação, a prova é atribuída ao valor “zero” para os vaqueiros. A prova também é zerada caso o animal caia em cima da faixa ou sofra qualquer tipo de lesão.

O esporte sertanejo movimentava centenas de milhões de reais anualmente, segundo a ABVAQ. Porém, o seu acesso também limita-se aos vaqueiros que podem pagar para competir; os cavalos, indispensáveis para os competidores, geralmente são da raça Quarto de Milha, custam a partir de R\$ 5 mil e podem chegar na casa de um milhão de reais. Além da necessidade de um cavalo treinado, os valores dos bilhetes para competir, que são chamados de senhas, custam em média R\$ 400 nas competições da região de Mairi. Desta forma, o esporte restringe-se aos atletas que podem arcar com os altos custos da competição, ou, aos que são contratados, geralmente por outros homens do meio sertanejo, para disputar aos numerosos prêmios em dinheiro. Estes atletas contratados geralmente recebem uma porcentagem do montante conquistado.

Os profissionais da vaquejada se aproximam dos vaqueiros de fazenda no modo de vida. Afinal, os homens inseridos nessa realidade rural exaltam a masculinidade presente neste ambiente e buscam sempre pela maneira mais “cabra macho” de levar a vida. Barbosa, reflete acerca dessa figura:

Ora, o vaqueiro de uma forma geral, sempre foi uma figura virilizada pelo imaginário popular e possui um certo significado na elaboração da noção de masculino em circulação no Nordeste e, em especial, na vaquejada. Sua figura, construída a partir de estereótipos como virilidade, impetuosidade, coragem e resignação favorecem e ajudam a definir o universo do gênero masculino. (Barbosa, 2006, p. 13)

## **2. VAQUEIRO DE MAIRI**

Os vaqueiros brasileiros, especificamente os nordestinos, surgem no Brasil quando este ainda era colônia de Portugal, no século XVI. Foi em 1534 que as primeiras cabeças de gado apareceram em território brasileiro, como o rebanho necessitava de pastos e alguém que cuidasse, a profissão do vaqueiro se estabeleceu no território nacional. Em suma maioria, os vaqueiros habitam a região da caatinga, em um clima semiárido, e possuem estilo de vida próprio e característico. Ao decorrer dos anos a profissão se expande e chega em três diferentes

tipos no interior da Bahia: o vaqueiro da fazenda, os donos de fazendas ou locais para treinamento de animais e o vaqueiro profissional que sobrevive da vaquejada.

O presente trabalho estuda as aproximações e distâncias entre os três distintos grupos masculinos de uma mesma profissão. Os sertanejos serão analisados pelas lentes do território baiano, especificamente pela ótica do município de Mairi e região. A cidade fica localizada no sertão do Centro-Norte baiano, a 330km da capital do estado, onde a cultura dos vaqueiros e da vaquejada fazem parte dos costumes e tradições locais.

Este homem nordestino imerso nessa realidade apresentada celebra seus códigos próprios de sociabilidade e se identifica como o objeto aqui estudado, o profissional vaqueiro. As distintas modalidades dessa profissão se aproximam na estética de vida e se distanciam entre realidades sociais. Enquanto buscava referências para este Trabalho de Conclusão de Curso, conheci a obra “Encourados”, do fotógrafo Geyson Magno e da jornalista Adriana Victor. O estilo de vida dos sertanejos é analisado e conclui que o modo de ser vaqueiro é próximo em qualquer lugar que esta cultura se faz viva.

No livro, traços marcantes das vivências desse grupo são destacados como o trato com os animais, a tradição hereditária e a ligação direta com a civilização do couro. As imagens retratadas no livro se passam no Rio Grande do Norte, no Maranhão e na Bahia, porém não se identifica as cidades. Para quem nasceu e cresceu nessa realidade, como eu, autora deste trabalho, todas as imagens parecem ter partido da minha pequena terra natal, Mairi.

Por parte materna, sou neta de um grande vaqueiro, Adauto Cedraz (*in memoriam*). Por parte paterna, sou neta de um fazendeiro que foi apaixonado pela própria roça, Walfredo Sena (*in memoriam*). As referências destes dois homens tão diferentes em seus ofícios, mas ao mesmo tempo tão semelhantes em estilo de vida foi um dos principais motivos que me levaram a realizar este projeto. A falta de uma memória escrita ou de audiovisual sobre essa cultura enraizada especificamente em Mairi foi outro fator determinante.

Observando as diferentes realidades dos vaqueiros, sejam eles profissionais da vaquejada, detentores de cavalos e posses ou funcionários prestadores de serviço em fazendas, percebi que estes homens comungam de muitas características. Há uma certa irmandade intrínseca que os fazem compartilhar de honradez e bravura, independente do poder aquisitivo. O ser vaqueiro em Mairi atravessa as barreiras do capital, mesmo que estas demarquem a maneira de viver de cada um.

Para além da conexão com bois e cavalos, o consumo de músicas, festas, alimentação e vestimentas se encontram entre as classes socioeconômicas dos vaqueiros. Como trazido anteriormente, ser vaqueiro é uma forma de existir nesse mundo, um grupo identitário de costumes e preferências, sejam eles de classes altas ou baixas da sociedade baiana. A reportagem explora brevemente o visual e a dinâmica desse complexo sistema que pouco se fala no meio acadêmico e jornalístico. Procuro compreender a construção da corporeidade e personalidade dos homens sertanejos e seus diferentes ofícios dentro de uma profissão com o mesmo nome. Essa diferenciação de papéis e atividades dentro da ocupação cria uma teia complexa de identidades e relações sociais que merecem ser exploradas e compreendidas.

Neste contexto, “Eu sou vaqueiro”: uma análise dos ofícios de homens sertanejos em Mairi, semiárido baiano” propõe-se a desvendar não apenas as práticas laborais, mas também a identidade cultural que permeia a vida desses vaqueiros. A riqueza imagética desta cultura me guiou a criar um produto audiovisual, por entender a necessidade de divulgar, com imagens reais, a beleza dessa sociedade interiorana. Ademais, entendi que os relatos dos personagens mereciam a ilustração da força da imagem de vaqueiro na região da caatinga. A reportagem de vídeo mergulha não apenas nas camadas da profissão, mas observa sonhos, hereditariedade e orgulho de fazer parte do meio da cultura vaqueira.

### **3. REPORTAGEM DE VÍDEO E LINGUAGEM DE TV**

Como citei previamente neste memorial, a primeira inspiração deste projeto era uma montagem documental. Pensei em levar a câmera para o campo e me deixar levar pelas histórias e experiências, como o Cinema Novo pregava: “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”. No entanto, enfrentei dificuldades em relação ao tempo hábil para gravações no interior do estado, pois as viagens eram longas e eu não dispunha de datas disponíveis. Dessa forma, optei por seguir com uma reportagem de vídeo pensada em formato televisivo, nela conseguiria agregar informação de qualidade, as histórias dos personagens e explorar a riqueza e semelhanças estéticas.

#### **3.1 Reportagem audiovisual**

A comunicação jornalística na televisão não é uniforme. Os diferentes produtos socorrem-se de técnicas e efeitos muito diversos para fazerem passar a mensagem e alcançarem os seus objetivos: serem vistos, ouvidos e entendidos pelo maior número possível de pessoas. (Oliveira, 2007, p. 9)

Jorge Nuno Oliveira, jornalista português que escreveu o Manual de Jornalismo de Televisão, foi a referência primária deste Trabalho. Se a reportagem de vídeo produzida teve

fácil entendimento e narrativa comprovada por meio de pesquisas e fontes, o objetivo foi atingido.

### 3.2 Pré-produção

Na busca de referências televisivas, assisti episódios do Globo Rural veiculadas em 2022 e 2023, a temática rural e dinâmica adotada no programa eram o que eu buscava como inspiração. Além deste programa, também mergulhei nas reportagens de tv do Fantástico de 2023, o roteiro, recortes e profundidade dos assuntos tratados foram aspectos levados em conta para a construção do produto deste Trabalho.

Após definido um parâmetro a ser seguido, me dediquei às pesquisas teóricas para construção do roteiro, desenvolvimento das entrevistas, escolha de personagens e fontes para comprovação das informações levantadas durante a apuração. No capítulo “Como escrever para a TV: noções básicas de texto” do livro ‘O texto na TV: manual de telejornalismo’, Íris Paternostro escreve: “Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela.” (Paternostro, 1999, p. 72). A partir disso, percebi que o meu ponto de partida para a reportagem em vídeo eram as imagens, o meu texto deveria embasar o que foi visto e pesquisado em campo.

### 3.3 Produção

Os manuais de telejornalismo de Paternostro e Heródoto Barbeiro com Paulo Rodolfo de Lima me guiaram na escrita, foco e estrutura. Paternostro traz em seu livro um trecho que levei como base para a escrita do pré-roteiro: “A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção. As palavras devem, então, servir de suporte a essa imagem, dar apoio, complementá-la.” (Paternostro, 2002, p. 61). Como um dos meus objetivos era criar um documento de memória para essa cultura da população vaqueira de Mairi, a emoção foi um dos sentimentos que me dediquei a trazer durante a produção do produto. Seguindo os manuais, sabia que a escrita do meu roteiro, além de bem embasada, não poderia ser engessada: “Coloquial, claro e preciso. Objetivo, direto. Informativo, simples e pausado. São características de um texto jornalístico de televisão” (p. 61), explica Paternostro. Barbeiro e Lima destrincham mais sobre o estilo de escrita ideal:

O texto jornalístico, seja em veículo impresso ou eletrônico, deve ser claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. São normas universais, de absoluto consenso em

rádio, Internet, jornal ou revista [...] Na TV assim como no rádio, o texto deve ser coloquial e o jornalista precisa ter em mente que está contando uma história para alguém, mas existe uma diferença fundamental: o casamento da palavra com a imagem. E a sensibilidade do jornalista que vai fazer essa “união” atingir o objetivo de levar ao ar uma informação que seja fácil de ser compreendida pelo telespectador. O texto do telejornal tem uma estrutura de movimento, instantaneidade, testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sinterização e objetividade (Barbeiro e Lima, 2002, p. 95)

Qualidade era uma característica indispensável na construção deste presente Trabalho, logo, encontrar orientações sobre como nortear o texto se fez necessário:

Na prática do trabalho com a imagem, a sensibilidade também se desenvolve. Juntar imagem, emoção e informação é uma boa saída para transmitir a notícia com a qualidade ideal. E assim, cada um que escreve para a TV deve ainda encontrar um estilo próprio, pessoal, intransferível, de forma a se destacar do estilo padronizado que encontramos na televisão brasileira. (Paternostro, 1999, p. 73)

Defini o meu estilo para esta reportagem: autoral, objetiva e sensível. Busquei, desde as falas, conexões, entrevistas e recortes, levar com fidelidade o que eu estive vivenciando durante toda a vida: a significância de poder se autodeclarar ‘vaqueiro’. Mostrar a autenticidade e hereditariedade que está intrínseca nestes sertanejos, além de levantar dados e declarações que exibissem os problemas e as conquistas do meio.

Partindo de um alicerce construído em pesquisas e estudo, escrevi um pré-roteiro determinando as informações essenciais, meus principais personagens e traçando as fontes primárias que deveriam ser buscadas. Os protagonistas da reportagem audiovisual se chamam Caíque, Gilvan e Adelmo. O último, sendo meu tio materno, me orientou na busca dos dois primeiros vaqueiros. João Carlos, pai de Gilvan, também se tornou um personagem durante as gravações. Nessas entrevistas pude exercitar o que Barbeiro e Lima descrevem em seu Manual:

A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de se vestir, a mudança no semblante influenciam o telespectador. Esses maneirismos também mudam a ação do entrevistador, que na medida em que adquire experiência consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer. Boas entrevistas são as que revelam conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões (Barbeiro e Lima, 2002, p. 84)

Com os protagonistas, as entrevistas foram marcadas presencialmente no município que baseia este Trabalho. Para as fontes primárias, como Pauluca Moura, ex-presidente da Associação Brasileira de Vaquejada, Adriana Victor, jornalista e pesquisadora da cultura vaqueira e Danilo Rodrigues, curador do Museu do Vaqueiro, as entrevistas foram agendadas online, pois cada indivíduo residia em torno do Nordeste. Franklin Maxado, jornalista, historiador e cordelista, foi a única fonte primária agendada presencialmente, em Feira de Santana, pela proximidade do município em relação à minha localização. As fontes foram

definidas no processo de apuração para buscar a comprovação das hipóteses levantadas na reportagem.

### 3.4 Captação

Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela. (Paternostro, 1999, p. 72)

A imagem, desde o início da produção deste Trabalho de Conclusão, sempre foi o elemento central. O roteiro textual apoia, não compete com as imagens, mas é o complemento da riqueza imagética trazida na reportagem. Antes mesmo de captar os personagens e entrevistas, a fotografia já estava definida no meu imaginário. Escrevia as minhas ideias e referências em um bloco de notas e o carregava comigo durante as gravações para certificar que estava seguindo a ideia inicial.

As captações presenciais foram feitas em dois aparelhos: uma câmera profissional e meu *smartphone*. Para gravações que necessitavam de imagem mais estável e clara, optei pelo telefone móvel, que possui câmera de boa qualidade e nitidez. Para as entrevistas e algumas cenas de passagem, a câmera, por ter resolução mais alta e liberdade em alteração de foco e luz, foi a escolhida. Por outro lado, as entrevistas das fontes que não residiam fora de Salvador foram feitas online, via Google Meet, e a imagem e áudio foram captadas por meio de gravação de tela. Exceto pelas gravações de passagem da repórter, todas as outras captações foram realizadas por mim, autora deste Trabalho. Além disso, também estabeleci enquadramento, incidência de luz e recepção de áudio.

A captação de áudio nas entrevistas presenciais foi feita via *smartphone* e, por isso, não apresentam qualidade de excelência.

### 3.5 Edição e montagem

Os objetivos para a montagem do produto eram claros depois das pesquisas teóricas: a reportagem deveria ser objetiva, priorizar as imagens colhidas dos vaqueiros, fornecer informação de qualidade e ser dinâmica. Escrevi o texto para falas de passagem, momento em que a imagem da repórter aparece em tela, e off, momento de voz da apresentadora com imagens ilustrativas. Após tal etapa, dividi qual ordem seria levada em conta e quanto tempo cada uma duraria, além de discriminar a entrada das entrevistas e seus tempos. O propósito dessa descrição detalhada era facilitar na edição final, pois contei com ajuda de um profissional editor, Eduardo Bastos, para criação de efeitos e passagens, pois não tenho domínio de softwares

avançados de edição e senti a necessidade de uso deste tipo de ferramenta para melhor resultado do produto. A determinação de cada segundo da montagem seguiu o princípio explicitado por Paternostro:

Editar é uma arte. Não no sentido da criação artística, mas no sentido de lapidar a reportagem, usando seus três ingredientes básicos - imagem, informação e emoção - para contar uma história no tempo certo [...] Por ser uma arte requer paciência, dedicação, concentração, habilidade, criatividade e sensibilidade. E, sem dúvida, quando falamos de edição em telejornalismo, é preciso acrescentar ainda: fidelidade às informações (Paternostro, 1999, p. 128)

A reportagem de vídeo foi editada com base nas minhas referências e pesquisas previamente apresentadas. O processo levou 15 dias entre lapidação da escrita, edição, correção e finalização. Os softwares utilizados foram *Adobe Premiere*, *Adobe After Effects* e *Adobe Photoshop*. As imagens presentes na montagem foram em sua maioria autorais, porém utilizei de gravações da Globo Rural, para ilustrar o Museu do Vaqueiro, fotografias do livro 'Encourados', para desenhar a armadura vaqueira, e imagens de vídeos do Youtube para trazer famosos citados durante o produto audiovisual. Todas as decisões tomadas visavam a orientação do Manual de Barbeiro e Lima: "editar uma reportagem para a TV é como contar uma história, e como toda história a edição precisa de uma sequência lógica que pelas características do meio exige a combinação de imagens e sons" (Barbeiro e Lima, 2002, p. 100).

### 3.6 Pós-produção

Após montagem e primeira edição realizada, avancei para o refinamento do produto audiovisual. Com apoio do editor, estabeleci efeitos estéticos que deveriam ser adotados, como a animação da entrada da armadura de couro dos vaqueiros, o grifo no texto da Lei citada durante a reportagem, transições entre os blocos da reportagem e alteração de ordem de entrada de entrevistas e imagens. Também adotei efeitos sonoros para maior dinamicidade, com a finalidade de prender o telespectador.

Ajustes de cores também foram adotados durante a lapidação da edição da reportagem. O tratamento de som e legendas textuais foram as últimas etapas de pós-produção.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de desafiador, a realização da reportagem "Eu sou vaqueiro: uma análise dos ofícios de homens sertanejos em Mairi, semiárido baiano" foi gratificante. O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso que tinha como ponto central o homem vaqueiro sempre me acompanhou desde o primeiro dia de faculdade. A cultura vaqueira na minha pequena cidade de 16 mil habitantes é viva e pulsante. Minhas referências pessoais moldaram uma parcela do

meu caráter e me fizeram chegar até aqui. Sinto que era uma obrigação, como jornalista que acredita na importância de boas histórias, perpetuar a minha própria cultura por meio de relatos de memória visuais.

Uma reportagem como esta fortalece o sentimento de pertencimento de uma cultura que perpetua ao longo das décadas. É importante para que crianças como o filho de Caíque ou o neto de Adelmo continuem enxergando os homens da própria família como ‘heróis’ sertanejos. Eu fui essa criança, e mesmo sem referências visuais, esse meio permaneceu latente em minha vida. O processo de criação foi longo, mas não foi doloroso e desgastante. Afinal, tratar deste tema rememora minha feliz infância e meus avôs.

No início foi difícil escrever, mudei o recorte que levantava mais problemáticas e me ative ao que domino: mostrar quem são estes homens sertanejos de Mairi. Mais que isso, explicitar, para quem quiser assistir, que há cultura e trabalho árduo em todos os vaqueiros; que há uma irmandade entre todos, mesmo que nunca houvessem se visto antes; que há uma identificação entre dores e amores; que há beleza nesse meio ‘bruto’. Por fim, há quem faça questão de manter essa história viva por gerações: eu, meus irmãos, primos, sobrinha e tantos outros que se identificam conosco. Vida longa aos vaqueiros mairienses.

## 5. REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 185 p. ISBN 85-352- 0994-8.
- BARBOSA, Eriosvaldo Lima. **Valeu boi: o negócio da vaquejada**. Teresina: EDUFPI, 2006.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1985.
- JOÃO GOMES. **Eu Tenho a Senha**. Recife: Top Eventos, 2021. Suporte 6min10seg.
- MAGNO, Geyson; VICTOR, Adriana. **Encourados**. Recife: Editora B52 Desenvolvimento Cultural, 2007.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168 Acesso em: 12 jul. 2023.
- O VAQUEIRO E SUAS RAÍZES**. Direção: Vera Baccin. Produção de Edu Carlos. Bahia: Associação Brasileira de Criadores de Cavalos de Passeio e Esporte e Secretaria de Cultura e do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, 2021. Youtube.
- OLIVEIRA, Jorge. **Manual de Jornalismo de Televisão**. 1. Ed. Lisboa: Cenjor, 2007.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999. 155 p. ISBN 85-353-0466-0.
- QUEIROZ, Washington. **Bahia e vaqueiros: um débito**. 2011. Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade. Acesso em 18/04/2023: <<https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v0i17.4872>>.
- RAÍ SAIA RODADA. **Filho do Mato**. Capim: BCM Digital, 2018. Suporte 4min23seg.
- SOUZA, Leonilson Alves Araújo de. **Vaqueiro: uma análise da profissão à luz da Lei 12.870/2013**. Senhor do Bonfim: Repositório Universitário da Ânima (RUNA), 2023. Acesso em 02/08/2024: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/df22c792-6d3c-473c-abd3-9220a468448c/full>>.
- ZÉ VAQUEIRO. **Meu Esporte é Vaquejada**. Pernambuco: Zé Vaqueiro, 2020. Suporte 2min39seg.

## 6. APÊNDICE

Ficha Técnica:

Entrevista, roteiro e reportagem: Isis Cedraz Sena

Edição: Eduardo Bastos

Filmagem: Isis Cedraz Sena e Marcelo Sant'Anna

Orientação: Jonicael Cedraz

Entrevistados: Franklin Maxado, Caíque Santos, Gilvan Santana, João Carlos Santana, Adelmo Carneiro, Pauluca Moura, Adriana Victor e Danilo Rodrigues.



**facom**  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UFBA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 03/09/2024 às 16:00

**Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso**

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**PROFISSÃO VAQUEIRO: UMA ANÁLISE DAS REALIDADES DE HOMENS SERTANEJOS NO SEMIÁRIDO BAIANO**”, de autoria de *ISIS CEDRAZ SENA*, sob orientação de *Jonicael Cedraz de Oliveira*, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por *Leonardo Figueiredo Costa* e *HILZA NATÁLIA DE OLIVEIRA CORDEIRO*.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	<i>Leo Costa</i>
Examinador(a) 2	10,0	<i>Hilza Cordeiro</i>
Orientador(a)	10,0	<i>Jonicael Cedraz de Oliveira</i>

Média final (valor numérico): 10,0  
Média final (por extenso): DEZ